



USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Veículo: Jornal de Jundiá

Data: 26/09/2019

Caderno/Link: <https://www.jj.com.br/opiniao/rios-voadores/>

Assunto: Rios voadores

Rios voadores

CARLOS HENRIQUE PELLEGRINI | 26/09/2019 | 05:00

Aos incrédulos, a inusitada informação. Cientistas, como o meteorologista Pedro Dias, da USP, estimam que, na estação chuvosa, até 70% da precipitação em São Paulo depende do vapor d'água gerado na Amazônia.

Uma árvore adulta expele até 300 litros de água por dia. Quer dizer, se acabar a floresta lá, para de chover aqui. O fenômeno vem sendo estudado, há cerca de 30 anos, pelo professor Enéas Salati, da **Esalq**- USP, um abnegado.

Os ventos dominantes na Amazônia sopram de leste para oeste, em função da rotação da Terra. Quando batem nos Andes, viram-se para o sul, descendo para o Prata.

O volume de água transportado pelo ar adquire a grandeza do Rio Amazonas, com 200 mil metros cúbicos por segundo.

É na cidade, na ponta do consumo, que se esconde o ovo de Colombo da proteção das reservas florestais.

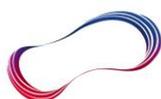
Chega de matar árvores para adornar a sala de visitas.

Para minimizar o desmatamento bastam medidas engajadas, que busque acordo entre empresários e organizações ambientalistas. Repressão local é luta de guerrilha. A guerra mesmo se vencerá conscientizando a demanda.

Nesse processo, a sociedade tem papel fundamental a cumprir. Basta, por exemplo, recusar-se a comprar madeira sarrupada da floresta. Simples, embora difícil.

O grande consumo das toras amazônicas reside em São Paulo. A equação depende da construção civil e da indústria de móveis. Madeira de lei centenária – perobas, mognos, maçarandubas e imbuías – acaba serrada para virar caibros e ripas de telhados, tacos e tábuas de assoalhos, camas e armários.

Existe a exploração sustentável, aquela oriunda de perímetros controlados, tecnicamente conduzidos, onde se escolhem apenas as árvores maduras para abater, não ameaçando a reposição da floresta nativa.



A confiabilidade desse sistema é, infelizmente, precária. Inexiste auditoria. Desconfia-se de que muita madeira “certificada” seja esquentada no conluio entre a ganância e a ladroagem pública.

A soberania dos estados da região Norte é indiscutível e sua manutenção é indispensável, há de se lutar por ela, mas sem lembrar da outra luta, a luta pela preservação.

Não podemos baixar a guarda pois desde 1.500 nossas florestas vem sendo devastadas em maior ou menor velocidade.

A conscientização das famílias, compradoras de casas e apartamentos, fecha o cerco contra a derrubada da Amazônia. Motivada, a sociedade vence a quadrilha florestal.

CARLOS HENRIQUE PELLEGRINI é professor universitário e Diretor de Gestão e Sucessão Familiar da Maxirecur Consulting, pellegrini@maxirecur.com.br

